Vol. 34, nº 3 (2026)

MORTE A EROS! CENSURA E OPRESSÃO: A TRANSGRESSÃO CONSCIENTE DA MORAL E BONS COSTUMES

***

DEATH TO EROS! CENSORSHIP AND OPPRESSION: THE CONSCIOUS TRANSGRESSION OF MORALS AND GOOD CUSTOMS

João Pedro da Silva Antelo[1]

Recebimento do Texto: 10/04/2026
Data de Aceite: 03/05/2026

Resumo: Este artigo aborda como a censura no Brasil e as perseguições a Eros têm se intensificado, considerando dois recortes temporais: a ditadura militar e a atualidade. Desse modo, vemos que a censura contemporânea ao erotismo é caracterizada por ataques conservadores e pode ser comparada ao período ditatorial. Neste texto, o objetivo é evidenciar como as perseguições ao erotismo refletem um retrocesso nos direitos à liberdade e à expressão no Brasil contemporâneo, exacerbados pela divisão política e pelo reforço de discursos conservadores. A metodologia utilizada foi a análise bibliográficas de obras como: *O avesso da pele* (Tenório, 2020) e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (Aquino, 2005), além do estudo de Gonçalo Junior (2010) e de reportagens da época. Por fim, a análise busca estabelecer paralelos entre os discursos moralistas de ambos os períodos, bem como a transgressão do erotismo sob a ótica de Georges Bataille (1987).

Palavras-chave: Censura. Conservadorismo. Erotismo. Liberdade de expressão.

Abstract: This article examines how censorship in Brazil and the persecution of Eros have intensified, focusing on two time periods: the military dictatorship and the present day. Thus, we see that contemporary censorship of eroticism is characterized by conservative attacks and can be compared to the dictatorial period. In this text, the objective is to highlight how the persecution of eroticism reflects a setback in the rights to freedom and expression in contemporary Brazil, exacerbated by political division and the rise of conservative discourse. The methodology employed consisted of a bibliographic analysis of works such as *O avesso da pele* (Tenório, 2020) and *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (Aquino, 2005), in addition to the study by Gonçalo Junior (2010) and news reports from that era. Finally, the analysis seeks to draw parallels between the moralistic discourses of both periods, as well as the transgression of eroticism from the perspective of Georges Bataille (1987).

Keywords: Censorship. Conservatism. Eroticism. Freedom of Expression.

1 Considerações prévias

Eros está ameaçado. Desde a época da ditadura militar, o sexo no Brasil não sofria tantos ataques como sofre atualmente. São investidas de um conservadorismo o qual censura e oprime obras as quais, na maioria das vezes, possuem poucos trechos eróticos. Nessa caça às bruxas em que o erótico é queimado em praças públicas, grandes obras, como *O avesso*

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: joao.antelo@unemat.br

da pele (Tenório, 2020) e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (Aquino, 2005), foram censuradas, oprimidas e sofreram verdadeiras perseguições em território nacional. Outras obras, a exemplo de *Os vingadores: a cruzada das crianças* (2022), de Allan Heinberg (roteiro) e Jim Cheung (arte), a qual foi censurada e retirada da Bienal do Rio de Janeiro, devido a uma ilustração de dois homens se beijando e *Beirage* (2019), de George de Paula Furlan, que contém em seu teor críticas à ditadura militar, à bancada evangélica do Congresso Nacional do Brasil e aos legislativos estaduais e municipais, também sofreram com as investidas sem fundamentos a censura.

Essa censura da atualidade se dá por meio de um discurso que por muito tempo foi repetido no período ditatorial do Brasil. Em seu teor, há os princípios relacionados aos valores de família e moralidade que são propagados por uma parte da sociedade e, por meio deles, várias atrocidades são feitas, dentre elas a censura às obras elencadas anteriormente, além do preconceito racial e uma severa punição para aqueles que se encontram às margens da lei.

Nesse sentido, pretendemos, com o estudo em tela, traçar um panorama das perseguições feitas ao sexo no Brasil, em dois momentos, a saber: o período da ditadura militar e a atualidade. Assim, entenderemos como os discursos são repetidos e ganham uma nova roupagem para mascarar as perseguições a Eros com as alegações de que a família brasileira, com os princípios e tradições estão sendo ameaçados. Tais perseguições mostram o quanto o país tem retroagido no que concerne aos direitos à liberdade e à expressão, pois, as investidas desse conservadorismo têm se intensificado por meio da divisão política que há no Brasil e cria ambientes em que os discursos preconceituosos são reforçados e mantidos em nome de um tradicionalismo familiar.

Para atingirmos o nosso objetivo, este artigo foi dividido em dois momentos. No primeiro, intitulado “Eros liberto e as resistências “morais” da sociedade”, apresentamos como foram as perseguições feitas ao sexo, ao erótico e a tudo que difere do pensamento conservador do período militar e como isso ocorre na atualidade. Para tanto, utilizamos a obra de Gonçalo Junior *Maria erótica e o clamor do sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar, 1964-1985* (2010), além de reportagens da época e da atualidade, para traçar as semelhanças entre os dois períodos.

No segundo momento, denominado “E o pau dele? A transgressão consciente de uma lei que parece santa”, realizamos um estudo com o aporte teórico de Georges Bataille (1987), o qual mostra como a transgressão é vista por essa sociedade conservadora. Ademais, analisamos como as partes eróticas da obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório (2020), transgride, ofende e é incompreendida em algumas partes do Brasil.

2 Eros liberto e as resistências “Morais” da sociedade

A censura no Brasil fez muitas vítimas ao longo do tempo, mas nenhuma foi tão perseguida quanto Eros. A sobrevivência do sexo e do prazer se deu por meio de muita força de vontade de artistas e parte de uma sociedade que não se calaria diante de tais atrocidades e buscou incessantemente ter direito à liberdade. Com esse propósito, os artistas procuraram meios de contornar as proibições feitas pelos militares e continuaram levando o prazer às casas por intermédio de revistas e livros. Os discursos do passado e do presente estabelecem uma continuidade estrutural e são fortalecidos, atualmente, por meio da bancada evangélica do Congresso Nacional. Observamos essa semelhança na fala do Ministro da Justiça de Médici Alfredo Buzaid em 1970:

> o nosso propósito é preservar a integridade da família brasileira, que guarda tradição de moralidade, combatendo o processo insidioso do comunismo internacional que insinua o amor livre para desfibrar as resistências morais de nossa sociedade. Alfredo Buzaid Ministro da Justiça de Médici, 1970 (Gonçalo Junior, 2010, p. 169).

A partir dessas concepções, presentes no período ditatorial, diversas formas de violência e repressão foram legitimadas e praticadas. Em nome da suposta “preservação” da família, exemplares de obras literárias, revistas e músicas foram proibidas de circular em âmbito nacional. Na contemporaneidade, observamos a retomada de discursos semelhantes e o fortalecimento de iniciativas de silenciamento de Eros, que passam a ganhar dimensão nacional. Esse cenário suscita preocupação, sobretudo porque tais formulações tensionam os princípios que sustentam o Estado Democrático de Direito e os direitos fundamentais relacionados à liberdade de expressão e à manifestação artística. Tais falas são proferidas por representantes do povo, como é o caso dos deputados de Mato Grosso do Sul, sem evidência de análise prévia da obra de Jeferson Tenório e, mesmo assim censuraram-na no Estado. A exemplo, temos a fala do deputado Zé Teixeira, segundo Câmara e Benitez (2024):

"Eu vi o discurso de um deputado na assembleia legislativa de Goiás. [...] Aquele livro não aceito para minhas crianças". Nela, notamos uma tentativa de censura e a mobilização do discurso de proteção à família brasileira.

Outro discurso que se alinha aos pensamentos de Buzaid, é o de Jair Messias Bolsonaro. Quando ainda era candidato à presidência, participou da série Presidenciáveis, organizada pelo tradicional programa de entrevistas Roda Viva, da TV Cultura e, nessa participação, o Presidenciável ao ser questionado sobre como quer ser lembrado, afirma que:

> o redirecionamento do Brasil no tocante a sua política... nós cansamos da esquerda... queremos um Brasil liberal... que faça comércio com o mundo todo sem o viés... ideológico... que respeite a família... bem como as crianças em sala de aula... que jogue pesado na questão da segurança pública pra você exatamente... proporcionar paz... a todos... que você realmente implemente políticas que tirem realmente o Brasil dessa situação que se encontra... valorize o homem do campo... jogue pesado contra o MST... e: que... tenha e se aprofunde no comércio em especial com países melhores do que nós... e esse é o nosso sonho é a nossa vontade... é nessa batalha inicialmente... (Bolsonaro, 2018).

Nesse sentido, verificamos uma aproximação dos discursos de Buzaid e Bolsonaro, principalmente quando se trata da construção de um pânico moral centrado na ideia de "defesa da família" como justificativa para controle cultural e simbólico. Na fala de Buzaid, notamos isso de forma mais explícita, quando associa o "amor livre" a uma ameaça comunista que enfraqueceria as bases morais da sociedade. Já em Bolsonaro, embora o contexto seja democrático e o discurso menos diretamente vinculado ao comunismo clássico, a retórica mantém a mesma estrutura: a necessidade de proteger a família e as crianças contra influências consideradas indevidas — especialmente no campo educacional e cultural.

Em ambos os casos, há um mecanismo semelhante: a criação de um inimigo difuso, antes o comunismo internacional, hoje a "ideologia" associada à esquerda ou a pautas progressistas, que justificaria ações de contenção e vigilância. Esse alinhamento revela que, apesar das diferenças históricas, há uma continuidade no uso da moralidade como instrumento político, sobretudo para legitimar práticas de censura ou restrição de circulação de determinadas obras e discursos. Assim, o que se desloca não é a lógica, mas o vocabulário e o contexto em que ela opera.

Dessa forma, ao observarmos a permanência dessas estruturas discursivas, percebemos que a repressão ao erótico não se limita a um resquício autoritário do passado, mas se reinscreve continuamente no presente sob novas roupagens. Nesse cenário, Eros

ultrapassa a esfera do prazer individual e se configura como um campo de disputa simbólica, no qual se confrontam projetos distintos de sociedade. Sua repressão, portanto, não é casual, mas estratégica, pois incide diretamente sobre corpos e subjetividades, regulando modos de existir e de desejar.

É nesse ponto que Eros pode ser compreendido como força de resistência: ao escapar às tentativas de normatização, ele tensiona os limites impostos por discursos moralizantes e expõe suas fragilidades. Assim, tanto no contexto da ditadura quanto nas manifestações contemporâneas, o combate ao erótico revela, paradoxalmente, sua potência — uma potência que insiste em sobreviver, reinventando-se nas frestas deixadas pelos mecanismos de controle.

Costa (2006) contribui para esta pesquisa ao analisar a censura ao sexo no jornalismo de revistas no Brasil, desde o século XIX até o período do regime militar. O autor demonstra como eram construídas as justificativas utilizadas para a censura de determinadas obras. Entre essas alegações, a proteção da família ocupava lugar de destaque e constituía uma das principais justificativas para a interdição, conforme notamos na citação a seguir:

> Ao lançar seu 10º número, em janeiro de 1967, a publicação apresentou a edição especial A Mulher Brasileira Hoje, sobre a evolução do comportamento feminino. [...] Alegaram que o conteúdo da publicação ofendia a moral e os bons costumes, a infância e a juventude. Os organismos públicos respaldaram-se no Artigo 53 da lei nº 2.083 que dizia: 'A educação sexual compete aos pais, não a estranhos' (Costa, 2006, p. 3).

Baseados em valores cristãos e com intuito de "defesa" da família, vemos que a ditadura usou esses meios para retirar obras de circulação. Como mostramos neste estudo, tais formulações discursivas reaparecem no campo político contemporâneo. Com isso, outra obra que entrou na mira dos "defensores" da família foi *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, de Aquino (2005).

A narrativa conta a história de Cauby e Lavínia, possui um tom erótico mais encorpado que a obra de Jeferson Tenório e por isso também sofreu diversas perseguições. Dentre essas ocorrências, a que alcançou maior notoriedade foi a retirada do livro do processo seletivo da Universidade de Rio Verde, após o deputado Gustavo Gayer declarar, em suas redes sociais, que o livro era pornográfico e que sua presença em uma prova de ingresso na universidade seria inadequada.

Entendemos como essa censura ocorreu, segundo a notícia do jornal *O Globo* (2023):

> A Universidade de Rio Verde (UniRV), de Goiás, retirou o livro *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* de seu vestibular com a justificativa de que seria impróprio para os alunos. Em nota postada em suas redes sociais nesta segunda-feira, 1, a Companhia das Letras, que publica o romance no Brasil, descreveu a ação como 'censura'. O livro de Marçal Aquino saiu da lista após uma campanha do deputado bolsonarista Gustavo Gayer (PL-GO), que classificou a obra como 'pornográfica'.

A retirada da obra gerou grande repercussão e tanto o escritor Marçal Aquino, quanto a editora que publica seus romances repudiaram a censura feita ao livro. Ainda sobre o caso, o Jornal *CartaCapital* (2023) trouxe as afirmações do deputado, que disse – [...] "Por que pé de maconha, xoxota e pau estão fazendo parte de um livro, um conteúdo literário, para que seja feita uma prova para ingressar na faculdade?" (CartaCapital, 2023), questionou o parlamentar em uma de suas publicações contra a obra. Essa fala do deputado fez com que a universidade retirasse a obra e reforçasse a censura.

Após as publicações do deputado e consequentemente a retirada do livro do vestibular da universidade, o autor e a editora se pronunciaram. Ambos disseram que repudiam esses atos de censura, os quais acontecem na atualidade em nome de uma "defesa" da família que se configura como uma leitura restritiva e normatizante, que tentou no período ditatorial e agora tenta fixar padrões do que seja bom ou ruim para a comunidade. Nesse contexto, Gonçalo Junior (2010, p. 194) expõe o quão intenso foi a censura, ao afirmar que:

> a censura nunca esteve tão intensa quanto em 1971. Foram mais de cem peças teatrais proibidas no decorrer do ano, trinta filmes vetados - dezenas mutilados - e músicas que não podiam ser executadas nas emissoras de rádio e TV sem contar as centenas que foram parcialmente cortadas ou proibidas previamente. Os intelectuais ensaiaram reagir e começou-se a falar em vazio cultural por causa da falta de liberdade. O sexo continuava no centro da discussão. Wilson Aguiar, chefe da Censura, insistiu, mais uma vez, em entrevista à imprensa que 'a dissociação da moral pela pornografia era uma tática revolucionária que estava sendo difundida pela contracultura importada'.

Por meio das falas do deputado, do ministro da justiça do período ditatorial e do chefe da censura, da mesma época, observamos como Eros sofre com essas investidas censurais que jogam para a margem - o prazer, o sexo e os direitos de se expressar. Com isso, tentamos mostrar como os discursos, tanto do passado quanto do presente, encontram-se para criar um ambiente favorável à censura no país. Desse modo, evidencia-se que, em um Estado democrático de direito, tais práticas não podem se consolidar. Torna-se necessário, portanto, problematizar e tensionar essas tentativas de censura.

Ao observarmos a permanência dessas estruturas discursivas, percebemos que a repressão ao erótico não se limita a um resquício autoritário do passado, mas se reinscreve continuamente no presente sob novas roupagens. Nesse cenário, Eros ultrapassa a esfera do prazer individual e configura-se como um campo de disputa simbólica, no qual se confrontam projetos distintos de sociedade. Sua repressão, portanto, não é casual, mas estratégica, pois incide diretamente sobre corpos e subjetividades, regulando modos de existir e de desejar.

Nesse ponto, Eros pode ser compreendido como força de resistência. À luz das reflexões de Georges Bataille (1987), o erotismo está intrinsecamente ligado à transgressão, isto é, à violação consciente dos interditos que organizam a vida social. Como afirma o autor, "a transgressão não nega o interdito, mas o ultrapassa e o completa" (Bataille, 1987, p. 63), evidenciando que o erotismo não existe fora das proibições, mas em relação direta com elas. Para o autor, toda sociedade estabelece limites — sobretudo no que diz respeito ao corpo e à sexualidade — e é justamente na ultrapassagem desses limites que o erotismo se constitui. Assim, ao tentar silenciar o erótico, os discursos moralizantes reafirmam tais interditos, bem como denotam o temor diante de sua ruptura.

Desse modo, tanto no contexto da ditadura quanto nas manifestações contemporâneas, o combate ao erótico revela, paradoxalmente, sua potência. Isso porque, ao ser constantemente interditado, Eros reafirma seu caráter transgressor, insistindo em emergir nas frestas dos sistemas de controle. Como propõe Bataille (1987), o erotismo não elimina a norma, mas a tensiona, expõe seus limites e revela sua fragilidade. Assim, a permanência dessas tentativas de censura evidencia não apenas um esforço de contenção, mas também a incapacidade de neutralizar completamente aquilo que, por natureza, escapa à ordem: o desejo.

3 E o pau dele? A transgressão consciente de uma lei que parece santa

"E o pau dele?" é uma das frases que estão presentes na obra *O avesso da pele* (Tenório, 2020), que tem uma temática voltada para o racismo estrutural, além de sexualidade e as nuances da existência humana. Essa obra, como mencionado na seção anterior, sofreu ataques de deputados e de uma classe social mais "conservadora" que insiste em dizer que o livro ofende os valores das famílias brasileiras.

Nesse sentido, pretendemos, nesta parte do artigo em tela, trazer à luz, os estudos sobre a transgressão pela ótica de Bataille (1987, p. 81) a qual o autor afirma que a "evolução do erotismo é paralela à da impureza", o que nos faz pensar o porquê da condenação de Eros. Nesse ínterim, o teórico nos mostra que:

> No caso do erotismo, a conservação da família teve grande importância, a que se acrescentou a degradação das mulheres de vida livre, expulsas da vida familiar. Mas só se chegou a um todo coerente nos limites do cristianismo, quando o caráter original — o caráter sagrado do erotismo — desapareceu, afirmando-se às exigências da conservação da espécie (Bataille, 1987, p. 81).

Percebemos, segundo o pensador, que nem sempre as definições de erotismo eram vistas como algo a ser combatido, essas significações surgiram após o cristianismo que apagou o caráter original do erótico. Esse apagamento do sentido original se deu com muita crueldade e esforço da igreja. Assim como na ditadura e na atualidade vemos tentativas de censura, na Idade Média não foi diferente, porém, com mais êxito nesse período. Bataille (1987, p. 82), ao falar do apagamento do erótico, assegura que:

> Mas não sabemos nada, ou quase nada, das festas noturnas da Idade Média — ou dos começos dos tempos modernos. O desconhecimento deve-se em parte à crueldade da repressão de que elas foram alvo. As confissões que os juízes arrancaram de infelizes submetidos à tortura são nossas fontes de informação. A tortura fazia as vítimas repetir em o que a imaginação dos juízes lhes inculcava. O que podemos supor é que a vigilância cristã fez tudo para que as festas pagãs não sobrevivessem, pelo menos nas regiões menos povoadas.

Notamos que, desde a Idade Média, o erotismo tem sido renegado e colocado à margem da sociedade. Tal fato decorre das imposições feitas naquela época pelo Cristianismo. Com isso, criou-se a crença de que o erótico precisa ser silenciado, que não se pode falar, muito menos escrever sobre essa temática, aspecto que perdura até a atualidade e, consequentemente, quando um autor escreve sobre esse assunto, sua obra precisa ser retirada e censurada. Desta feita, quando Tenório (2020) traz uma narrativa que externaliza, verbaliza Eros, ele é condenado à vala da marginalidade assim como a igreja fez na Idade Média.

Ao abordar os sabás, Bataille (1987) mostra como essas práticas se impuseram aos interditos estabelecidos pela Igreja. O autor expõe essa relação ao asseverar:

> [...] o cristianismo salientou, no plano religioso, este paradoxo: o acesso ao sagrado é o Mal; ao mesmo tempo o Mal é profano. Mas o fato de estar no Mal e de ser livre, de estar livremente no Mal (uma vez que o mundo profano foge às

> restrições do sagrado), não foi somente a condenação, mas a recompensa do culpado (Bataille, 1987, p. 83).

De acordo com os estudos de Bataille (1987), podemos compreender que, para aqueles que, segundo as leis religiosas, são considerados condenados, o erotismo pode constituir uma forma de transgressão dos interditos estabelecidos. Nesse contexto, a experiência erótica permite externalizar desejos reprimidos e, simultaneamente, expor as contradições presentes em determinadas práticas religiosas. A transgressão também evidencia a hipocrisia associada à manutenção de valores e normas que, embora socialmente defendidos, nem sempre são efetivamente respeitados.

Desse modo, quando lemos na narrativa de Tenório (2020, p. 31):

> [...] Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?

Bataille (1987) demonstra que essa dinâmica não se restringe ao passado, mas permanece presente na sociedade contemporânea. Os diálogos estabelecidos ao longo de sua reflexão evidenciam uma sociedade que procura ocultar seus próprios desejos e que, amparada por uma lei apresentada como sagrada, busca silenciar Eros. Soma-se a esse processo o racismo estrutural, que também participa da marginalização da obra de Tenório, embora essa questão não integre o *corpus* deste artigo.

Ao longo desta seção, observamos que, a partir de determinados princípios instituídos pelo Cristianismo, Eros foi marginalizado e associado a um mal que deveria ser combatido. Compreendemos, assim, como a abordagem do erótico, ainda na contemporaneidade, pode se tornar alvo de perseguições e práticas de censura. Desde a Idade Média, consolidou-se uma fronteira moral que não deveria ser ultrapassada por aqueles que almejavam a salvação, enquanto tudo aquilo que se encontrasse em posição contrária seria condenado. Essa lógica alcança diferentes dimensões da vida social, incluindo questões relacionadas ao erotismo, à raça, ao gênero e à religião, entre outras formas de perseguição legitimadas em nome de Deus.

4 Considerações Finais

Ao analisar as práticas de repressão ao erotismo no Brasil, durante o período da ditadura militar e na contemporaneidade, identificamos a recorrência de discursos e mecanismos de censura sustentados pela justificativa de preservação dos valores morais e familiares. Essas posições conservadoras são, em diferentes contextos, amparadas por discursos religiosos e tradicionais que participam das disputas em torno dos direitos fundamentais, entre eles a liberdade de expressão e a diversidade cultural.

Durante a ditadura militar, a censura relacionada a temas eróticos assumiu contornos rígidos e repressivos, articulando-se ao discurso de defesa da sociedade diante das ameaças atribuídas ao comunismo e da suposta decadência dos valores morais. Obras literárias, peças teatrais, filmes e músicas foram submetidos à censura e tiveram sua circulação restringida, resultando no cerceamento de diferentes formas de expressão artística. Nesse contexto, a liberdade de criação e manifestação artística foi severamente limitada pelo aparato repressivo do Estado.

Apesar dos avanços decorrentes da redemocratização, observamos, na atualidade, a retomada de práticas de interdição e tentativas de censura justificadas pela defesa da moralidade e dos valores familiares. A retirada de obras como *O avesso da pele* e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* de determinados espaços públicos e currículos educacionais é um retrocesso alarmante. Políticos e líderes religiosos utilizam a retórica moralista para justificar a exclusão de temas eróticos, perpetuando um ambiente de intolerância e preconceito.

A análise desenvolvida neste estudo permite compreender como determinados discursos historicamente associados às práticas de censura são retomados, ressignificados e adaptados às disputas contemporâneas. Nessa perspectiva, a análise teórica da transgressão e do erotismo contribui para a compreensão da profundidade e da complexidade destas questões, sublinhando a importância da defesa da liberdade e da expressão artística contra as tentativas de censura.

Concluímos que o enfrentamento às práticas de censura e às formas de autoritarismo requer a construção de espaços sociais nos quais diferentes manifestações artísticas, culturais e de pensamento possam circular e ser objeto de debate. A valorização da diversidade e a

defesa dos direitos fundamentais constituem, portanto, elementos essenciais para a consolidação democrática e para o reconhecimento da literatura e das demais expressões artísticas como espaços legítimos de reflexão, questionamento e transgressão.

Referências

AQUINO, M. **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BATAILLE, G. **O Erotismo**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro. **Sabatina Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura, 30 jul. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lDL59dkeTi0. Acesso em: 13 abr. 2026.

CARTACAPITAL. **Livro do escritor Marçal Aquino é retirado de universidade após polêmica com deputado bolsonarista**. 1 maio 2023. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/educacao/livro-do-escritor-marcal-aquino-e-retirado-de-universidade-apos-polemica-com-deputado-bolsonarista/. Acesso em: 12 jul. 2024.

CÂMARA, J.; BENITEZ, J. O avesso da pele: deputados de MS que assinaram documento para recolher livro assumem que não leram obra. **G1**, 13 mar. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2024/03/13/o-avesso-da-pele-deputados-de-ms-que-assinaram-documento-para-recolher-livro-assumem-que-nao-leram-obra.ghtml. Acesso em: 10 jul. 2024.

COSTA, V. Com repressão, não há tesão: a censura ao sexo no jornalismo de revistas no Brasil do século XIX ao Regime Militar (1964-79). **Caligrama**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2006. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64647. Acesso em: 10 jul. 2024.

FURLAN, G. P. **Beirage**. São Paulo: Kazuá, 2019.

GONÇALO JUNIOR. **Maria erótica e o clamor do sexo**: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar, 1964-1985. São Paulo: Peixe Grande; Editoractiva, 2010.

HEINBERG, A. **Os Vingadores**: a cruzada das crianças. Ilustração de Jim Cheung. Barueri: Panini Comics, 2022.

O GLOBO. **Marçal Aquino reage após ter livro censurado por universidade**: A cara do Brasil. 1 maio 2023. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/05/marcal-aquino-reage-apos-ter-livro-censurado-por-universidade-a-cara-do-brasil.ghtml. Acesso em: 27 abr. 2026.

TENÓRIO, J. **O Avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.